O PÃO

DA PADARIA ESPIRITUAL

AMOR E TRABALHO

Director—*ANTONIO SALLES.* *Gerente*—*SABINO BAPTISTA*

ANNO II Fortaleza, 15 de Junho de 1895. **NUM. 18**

EXPEDIENTE

Assignaturas por um trimestre 2$000
Numero avulso. 500
Pagamentos adiantados.

Por conveniencia de cobrança deixa-mos de acceitar assignaturas para o interior e Estados por menos de um semestre. O preço é porem o mesmo da capital.

O Pão publica-se duas vezes por mez.

Pedimos aos collegas da imprensa o obsequio de declararem a origem das peças que transcreverem desta folha.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao nosso gerente, a rua do Major Facundo n. 4.

Summario.—*Os quinze dias* B. & M.: —*Vana*, Bruno Jacy; — *Uma aggressão*, Antonio Salles;—*Em viagem*, Sabino Baptista;—*Esperando*, Antonio de Castro;—*Os brilhantes*, Rodolpho Theophilo;—*Extasis*, X. de Castro;—*Carta*, Moacyr Jurema; *O netinho*, Lopes Filho;—*Recados*, M.; — *Bilhetes Lyricos*, Bento Ernesto Junior;—*Archico*, M. J.;—*Anniversario*, Marcos Serrano:—*Imprensa litteraria*,—*Carteira*.

Os quinze dias

Troveje embora a Intendencia Municipal! Venham todos os fiscaes com os seus melhores casacões bordados! Vociferem com toda a arrogancia funccionaristica! Não nos submettemos ás prescripções municipaes no que diz respeito ao peso e volume do nosso *Pão*.

Incompetente a municipalidade! incompetentissima! Não regulam para nós as suas balanças.

O Pão da Padaria Espiritual vale em ouro, não o seu peso mas o peso de todos os padeiros quiçá mesmo o de todo o conselho municipal com todos os seus peccados, inclusive o pouco asseio das ruas e as.... estampilhas.

Mas não queremos ser anarchistas; vamos dar o exemplo da obediencia á lei.

O Pão vendia-se até hoje a quinhentos réis o numero avulso; visto porem exigir a Intendencia que as padarias vendam a peso, d'ora hoje em diante cada numero avulso d'*O Pão* se trocará pelo equivalente ao seu peso em *guilhermes*, municipaes de tostão.

Revogadas as disposições em contrario.

Attendendo ao grande consumo que tem o nosso *Pão*, tornar-se-á muito maior a circulação dos *guilhermes*, e será necessario portanto fazer uma nova emissão dos ditos.

E com estes fundos poderá a Camara tornar rasos os profundos lagos e riachos que o inverno cavou por todos os pontos da cidade.

Quem, depois de alguma ausencia, voltar a esta capital, não a conhecerá mais.

Isto já vai tomando uns ares de cidade hollandeza...no que toca a elemento liquido, está claro, porque sob o ponto de vista do aceio, a illusão não é perfeita, ou antes, não pode haver illusão alguma.

A chuva é a principal vassoura das ruas, e bem boa vassoura graças á feliz disposição das sargetas da cidade.

Só o que a chuva não varre são as catharreiras que andam por ahi a assolar a população, enfeitadas com o bonito e exotico nome de *influenza*.

Ah! quão longe já vão os tempos em que essas infermidades se chamavam simples e burguezmente—*catharrão amofinado!*

Nesses remotos tempos aluguel de casa era uma cousa commoda e suave.

Havia numerosos exemplos de familias que moravam 15, 18, 20 annos em uma casa sem que o senhorio se lembrasse nem por sonhos de augmentar-lhes o aluguel nem de intimal-as a se retirarem.

Hoje, aluguel de casa é uma questão irritante, aguda e incommoda como uma nevralgia.

Ninguem se julga seguro em casa... dos outros.

Os preços emendam pés com cabeças. Um pobre diabo de amanuense, que morava desde tempos immemoriaes em uma modesta casinha pela qual pagava 20$ mensaes, é intimado pelo proprietario a pôr-se ao fresco porque um sujeito endinheirado lhe offerecera 50$!

Curiosos e numerosissimos são os incidentes desta calamitosa crise.

E' conhecido o facto de ter uma senhora comprado uma casa para morar mas não tendo o antigo inquilino absolutamente para onde mudar-se, ella que era um bom coração, pedia, por favor que lhe cedessem um logarsinho na *sua casa* onde armasse a sua rêde!

E' tambem notorio, que um cidadão, desesperado de achar casa, arrombou a porta de uma que estava fechada mas alugada, installou-se nella e mandou participar ao dono o seu procedimento declarando que pagaria o que lhe exigissem.

A um desses desesperados ouvi aconselharem a procurar uma arvore para abrigar-se com os seus...

Mas as arvores, coitadas tendem a desapparecer.

Como si não fosse bastante a destruição que lhes infligem os lenhadores para supprimento das locomotivas, fabricas e cosinhas, como si não fosse bastante a devastadora industria dos roçados, eis que apparece agora um cidadão accusado publicamente e em lettra de fórma de haver feito uma verdadeira hecatombe... vegetal em mattas do Cocó.

E que homem é esse? perguntarão os leitores.

João da Ega, o adoravel typo d'*Os Maias* diria sem pestanejar que esse homem não pode deixar de pertencer á «Sociedade Protectora da Arborisação».

E não se enganaria o Ega...

B. & M

VANA

Para libertar o homem do Peccado,
O' Jesus! o teu sangue offereceste
E dores pungentissimas soffreste
Para torná-lo menos desgraçado.

Mas depois que o mar[illegible] padeceste,
Vinte seculos tombaram no passado
E o mundo é sempre uma [illegible] toda
Tão triste como no tempo em que [illegible]teste

Teu cruel sacrificio foi perdido,
Em vão teu [illegible] ungido.
Em vão [illegible] do dia

Apesar desse [illegible]
Não pode [illegible]
O reinado da Paz nem o do Amor.

C[illegible]—1894

Bruno Jacy

Uma aggressão

Ha pouco tempo eu lia com muito gaudio uma resposta dada por Arthur Azevedo a um sr. Alves de Farias, o qual pelos modos, havia desancado em regra ao inspirado padrinho da *Bebita*.

A resposta do Arthur era dessas que, cheirando a conselho paternal, fazem saber ao aggressor que é feio andar assim a descompor gratuitamente os outros, a exhibir sem rebuço a educação que trouxe de casa, etc., etc.

—Este sr. Alves de Faria, nunca mais descompõe a ninguem, pensei eu com os meus botões.

Ah! como estava enganado e como estava longe de suppor que tão depressa seria escorchado nas mesmas columnas da *Republica* de Campos, onde já o fora Arthur Azevedo!

Pois é verdade: o homensinho passou-me uma cascavella mestra a proposito das minhas *Trovas do Norte* (que não analysa e que só parece conhecer de nome) e para que eu a lesse inevitavelmente metteu a obrinha numa enveloppe e enviou-m'a pelo correio.

Cá recebi, seu Alves,— não precisava pressa.

Recebi e não me zanguei, creia. Achei foi graça. E' talvez crueldade minha — mas acho muita graça nos malucos.

Essa *Estrada de S. Thiago* que s.s. palmilha, entoando á *Alta Espiritualidade* canticos inintelligiveis e de pés quebrados, talvez o conduza mais depressa a uma casa de saude do que á gloria.

A carta em que s. s. se dá ao trabalho de fulminar a minha humilde individualidade é um attestado do seu desequilibrio mental.

Acredite que ha muito tempo eu não via tanta asneira junta.

Aquillo é uma *mayonaise* de sandice com molho verde de bilis.

Entretanto, falando de si, o sr. Alves affirma, que «diz isso (as asneiras) em nome do Professorado da Fé, com o coração nas mãos e a convicção fundamental (?) de sujeito que entende do que escreve.»

Depois disto o homem dispara a falar sobre Arte num estylo vago, a emittir conceitos estapafurdios e a malhar colericamente sobre Olavo Bilac, Affonso Celso, Arthur Azevedo, Carlos Dias, Coelho Netto, etc.

E' até um regalo a gente ser sovado em tão boa companhia!

Mas o ataque do sr. Farias não cifra-se á minha pessoa,— attinge tambem a Padaria Espiritual, que s. s. chama de «cenaculo de suppostos poetas» e que entende «deve ser banida ou esmagada a bem da boa orientação que os artistas— os Eleitos, dão diariamente ao publico leitor e da hygiene rigorosa do espirito.»

Deixe lá de arruaças, seu Alves! Isso de esmagar a Padaria é conversa. Da Padaria só poderia s. s. esmagar algum callo e isso mesmo com as ventas.

Ora saiba que no seio da Padaria ha tantos excellentes poetas e prosadores muito superiores a s. s., gente que prefere cortar a mão a assignar o seu soneto *A Madame R.*, publicado n'*O Pharol*, e o seu trecho de prosa—*Necrotado do Idylio*, publicado na *Rio-Revista*.

Estes rapazes de quem s. s. fala tão desdenhosamente são artistas de finos nervos, tendo da Arte uma orientação segura e nitida, emmoldurando a idéa simples e sã na estrophe ou no periodo singelo e claro, sem esses atavios superfluos e requintados que alguns *necrotados* inventaram com o fim de occultar a compleição rachitica das suas producções.

Diga-me por favor o sr. Farias (eu chamo-lhe uma vez só Alves, outras só Farias, outras Alves de Farias para não fatigar ao leitor) diga-me em lingua de gente branca, e não nessa algaravia em que se fala na *Estrada de S. Thiago*, que beneficios trouxe a creação do grupo a que s. s. pertence e fóra do qual não se admitte merecimento nem mesmo no Bilac —a quem chama de mediocre—nem no Coelho Netto, cujo ultimo livro—*Fructo Prohibido* acha tão ruim como as minhas *Trovas*?

S. S., que se intitula um dos ELEITOS... pelo proprio voto, diga-me que novos horisontes artisticos têm os senhores desvendado, que nova concepção do Universo descobriram, que novos aspectos da Alma surprehenderam?

Qual é a composição psychica das suas ideias? Quaes os contornos philosophicos dessa ALTA ESPIRITUALIDADE?

Em que consiste a esthesia litteraria dos *necrotados* reformadores da Arte de escrever no Brasil?

Nisto simplesmente: sobre um fundo de lyrismo doentio e incongruente tecer composições de forma arrevesada, de vocabulario exotico e rebuscado, com grandes gastos de maiusculas e tudo besuntado de um mysticismo piegas e de um fatalismo incoherente.

Com estes elementos os taes Eleitos ergueram uma igrejinha onde adoram a ALTA ESPIRITUALIDADE e se isolam em retiro intellectual, bem segregados de nós outros, burguezes do pensamento, gente incapaz de escrever cousas «etherisantes e quintessenciadas.»

Essa igrejinha symbolista ou cousa que o valha é que precisa ser arrasada a bem do bom senso e do bom gosto.

Carlos Dias já vibrou-lhe a picareta, e cá estamos eu e os meus collegas da Padaria para auxilial-o nessa obra de beneficencia.

Quando estiver proximo o desabamento pediremos ao Duque Estrada, ao Emilio de Menezes e a algum outro rapaz de verdadeiro talento e ideal que se afastem para que o sr. Farias e outros vendilhões de missangas se achatem ainda mais sob os [illegible] escombros do cortiço nephelibata.

Basta por hoje.

Ceará, Junho, 95.

ANTONIO SALLES.

P. S. Desculpe-me o sr. Alves de Farias si não fui tão delicado como s. s.

Falta de pratica.

De outra vez é possivel que o consiga.

Como a sua carta, esta lhe será remettida numa enveloppe e no seguro.

A. S.

Em viagem

I

D'esfez-se a treva, e pouco a pouco o dia
surgiu das roseas brumas do levante,
e a luz—onda invasora e fulgurante—
banhou de um jacto a selva erma, som-
(bria...

O sol, que alegre e vivido espargia
no firmamento o brando olhar radiante,
ia atirando garrido, triumphante,
mil settas d'ouro pela ramaria...

Pairava em tudo uma algazarra doi-
(da,
trinavam aves garrulas em toda
a matta umbrosa, placida e selvagem

e ante o esplendor da luz sadia e flava
avido o olhar sequioso eu espraiava
pela opulencia verde da paysagem.

II

Sertão a fóra, em scismas emballado,
solto o balão subtil da phantasia,
—no azul do céo o olhar extasiado,
a alma repleta de intima alegria...

Calmo e festivo, alegremente ria
o campo todo em nivea luz banhado,
e ao meu olfacto a viração trazia
de flor silvestre um cheiro delicado.

A perspectiva deslumbrava a vista;
ah! que eu não tenha as tintas de um
(artista
p'ra fielmente aqui reproduzil-a.

Nestes sonetos—pallida aquarella—
feitos com o brilho, com o esplendor
(d'aquella
manhã de sol bucolica e tranquilla!

Ceará—Maio—1895.

(Do livro—*Vagas.*)

SABINO BAPTISTA.

Esperando...

Tarde de agosto.

Recostada á janella de um chaletsinho erguido bem perto das ondas, que se queixam sempre, ella scisma tristonha, fito o olhar na immensa vastidão das aguas, seu grande olhar cheio de melancolia, cheio de saudades...

Jangadas, uma a uma, voltam, serenas, do alto mar, soltas ao vento as velas pequeninas e brancas.

Recortando os ares, ora elevando-se... ora roçando as pontas das azas grandes e finas no dorso espumarento das vagas, vôam gaivotas ligeiras.

Pequenas nuvens, alvas e tenues passam pelo azul, arrastadas do le[illegible]

Além o sol desapparece tristemente, enviando, em despedida, ao oceano seus ultimos raios já amortecidos e pallidos.

E ella, com o coração a transbordar de pezares, a transbordar de saudades, embebido o olhar na vastidão indefinida das aguas, pensa no noivo que, ha muito tempo partiu, de quem nunca mais tivera noticias, a quem nunca mais ouvira falar.

E, fóra as jangadas que voltam, que surgem, pouco a pouco, ao longe, nem uma esperança, por mais ligeira que seja, vem afagar-lhe a alma acabrunhada sob o pezo de tantas maguas, de crueis incertezas...

Ceará—1895.

ANTONIO DE CASTRO.

Os Brilhantes

(FRAGMENTO)

—Se fosse ôca!... exclamava o Brilhante, ao por do sol, em frente a uma grande pedra.

Casualmente elle havia chegado alli espreitando um bando de jacús, e com a attenção toda fixa nas aves, que fugiam, não se apercebeu dos precipicios porque passou e quasi não sentiu as urzes da deveza.

A rocha tinha talvez cem metros de altura e occupava uma area de alguns hectometros. Estava encravada em uma matta viçosa, cerrada e onde o homem parecia nunca haver penetrado.

Jesuino sentia-se bem n'aquella atmosphera virgem. As tristezas da Ave-Maria no seio da floresta soturna em vez de crear-lhe na mente ideas que o desalentassem, enchiam-lhe a alma de uma vaga esperança de conforto. O seu olhar em uma estagnação melancholica se fitava na face alcantilada da rocha e seu espirito infeliz, um pouco livre do jugo das tribulações, gosou um instante de socego e paz.

A approximação da mole de granito influia no moral de Jesuino desviando-lhe o pensamento das mizerias da vida como as grandes massas da materia desviam a vertical que o instrumento procura traçar em sua visinhança.

O Brilhante, todo absorto na contemplação d'aquella natureza vigorosa e sadia, deixava-se ficar esquecido do tempo, que não pára, e da luz que tinha de se apagar. Continuava em uma especie de torpor, em um estado psychologico difficil de definir, quando uma impressão transmittida ao cerebro pelos olhos accordou-o, chamou-o á realidade da vida. A expressão amortecida do olhar em um quebramento melancholico foi rapidamente mudada em agudas scintillações. Jesuino fitava agora a pedra com um olhar firme e investigador: enchia-lhe o cerebro outra idéa com um cortejo de desejos e aspirações. Não pestanejava.

Pela expressão do rosto dir-se-hia que Jesuino aguardava a repetição de um facto para confirmar o que lhe pareceu ter visto apenas uma vez. Parecia jogar siso com a rocha, tal era a immobilidade dos olhos, quando a certa altura da pedra começaram pela segunda vez a sahir morcegos.

Jesuino viu e tornou a ver e por muitas vezes o vôo rapido dos chiropteros partir da rocha. Não havia duvida, a mole de granito era ôca. E que excellente esconderijo metido em um sovaco de serra e ignorado do mundo pensou o Brilhante.

A claridade não tardava a se acabar de todo e era preciso examinar a rocha e sahir da deveza. Restava apenas uma diminuta parcella do dia, que mal chegava para guiar Jesuino á gruta ou leval-o fóra da matta. Optou pelo reconhecimento da rocha e rompendo balseiros e urzes, subindo de gatinhas empinados alcantins, descendo como cobra terriveis precipicios, venceu a escabrosa travessia e chegou a cinco metros da pedra. Quasi não havia mais luz crepuscular. Com a pouca claridade, que ainda illuminava a terra, pôde Jesuino perceber um fundo e enorme abysmo aberto entre si e a rocha.

Nos confins, do astro a luz se apagava de todo e a treva enchendo o espaço inferior do precipicio impedia o Brilhante de avaliar a profundidade. A noite em breve acabou de encher o vacuo, cobriu o homem, a rocha e se derramou no espaço.

Jesuino completamente cego, cercado de precipicios, com a vida em serio e perigoso risco conservava inteiro o seu valor. Com a maior precaução ia procurar ás apalpadelas o tronco de uma arvore para trepar-se e mais seguro passar a noite, mas ainda bem não tinha movido os pés tres vezes, ouviu soar perto de si o cascavel de uma cobra. O som agudo produzido pela fricção dos anneis corneos do crotalus chegou aos ouvidos do Brilhante e pol-o em sobresalto. O perigo era imminente. A serpente tocava enraivecida o seu maracá, de bote armado esperando que a victima chegasse ao alcance de seu dente.

Jesuino quedou-se. Soaram outros cascaveis perto, longe e em diversas direcções.

O Brilhante acreditou que estava no reino das cobras venenosas e desanimou, não pelo medo de morrer picado por ellas, mas pela repugnancia, pelo horror que seus nervos tinham a taes reptis. Ficou de pé e immovel. Sabia que se conservando alli estava livre das que se tinham assanhado com sua presença: estas ficariam de bote armado esperando que elle passasse por ellas e não veriam atacal-o, mas se livraria das outras que caçando passassem por alli?

Quando se calavam as cascaveis, Jesuino movia-se com cautella e de novo soavam os maracás.

A noite era de uma escuridão completa. Nem o clarão baço das estrellas penetrava na matta e permittia ao Brilhante ver o que estava a uma pollegada distante do nariz.

Tentou ainda algumas vezes caminhar, mas á menor bulha as cobras respondiam com os estalidos agudos de seus cascaveis. Resolveu conservar-se immovel, e ficou.

Aquelle pedaço de floresta tão soturno pouco tempo antes, logo que a noite se fechou animou-se e as manifestações da vida na lucta pela existencia percebiam-se em todos os cantos. Que estranhas vibrações ondulavam no ar. Os [illegible] e os sons [illegible], os silvos das [illegible] ou em [illegible] nocturna o plangente da mãe-da-lua ouviam-se a todos os instantes e mais ainda o echo repetia doze vezes, de serra a dentro.

Era um concerto aquelle de notas tristes e aterradoras. O vento em lamentoso diapasão gemia ou assoviava escoando-se na ramaria das arvores.

As corujas e os sapos cantavam lugubremente os seus psalmos de [illegible] pios agoureiros.

Jesuino passava pela maior provação da vida. De pé, em uma posição fatigante, cego, privado de todos os meios de acção entregava covardemente a sua vida á sorte. Nada valia agora a coragem, a sua agilidade. De braços cruzados sobre a boca do bacamarte procurava assim augmentar o equilibrio que a immobilidade diminuia e havia tornado dormentes pernas e pés.

O Brilhante sentia um dessocego que o exasperava. Não temia que a vida se acabasse naquella noite; isso era o menos, o que o flagellava eram as lufadas frias do vento: que alcançando-lhes o rosto como que lhe cortavam as orelhas; era o formigar constante que sentia nas pernas e que lhe produzia uma agastura que o trespassava todo. A noite lhe parecia interminavel. E quando elle suppunha poder mudar de posição para descançar de tão afflictiva postura, as cobras davam signal de alerta e soavam uma dezena de cascaveis.

Jesuino sentia que as pernas eram de chumbo e que estavam dentro de um formigueiro. A estação vertical era conservada pelos braços apoiados ao bacamarte.

Jesuino custava a supportar tanto soffrimento. Por vezes tivera impetos de cahir no chão e se deixar picar pelas serpentes, mas a repugnancia que tinha áquelles reptis, muito maior do que o medo que lhe causava a morte, o conservava de pé e immovel. A noite lhe parecia do tamanho de um seculo. O dia ainda não tinha partido do ceu e o Brilhante não tinha mais forças para esperal-o. Assim desalentado estava quando sentiu roçar-lhe um corpo sobre o pé direito. A sensação foi obtusa, o membro tocado parecia a elle ter um volume cem vezes maior. A idea de uma cobra assaltou-lhe o espirito e longe de mortifical-o muito deu-lhe certa consolação. A morte no auge d'aquelle transe era o bem maior da vida.

Jesuino esperou inquietamente. O corpo que o havia tocado subiu de perna acima por baixo da calça, produzindo-lhe uma sensação mortal. Não havia duvida: era uma cobra. A pelle assim mesmo dormente dava sciencia ao Brilhante da evolução do reptil.

Jesuino estava n'um espasmo nervoso, com os cabellos hirtos todo crispado n'um arrepio de nojo; sentia que a serpente agradada do calor do corpo d'elle se enrolava desde a ponta do pé até o joelho. Aquelle espiral de gelo lhe transia as carnes e o contacto das escamas lisas da cobra o agoniava tanto que o fazia suar frio apesar da temperatura da noite. Nos membros inferiores n'um entorpecimento completo não chegou o estremecimento, que o frio da serpente vibrou nos nervos do Brilhante. O corpo d'elle da cinta para baixo parecia inteiriço, petrificado.

A noite parecia não ter fim. A voz das feras repercutia n'aquella solidão de modo aterrador.

Jesuino sentia-se desfallecer moralmente. Com as faculdades profundamente abaladas acreditava uma illuzão tudo aquilo, um horrivel pesadelo. Entretanto percebia o mal e sentia lhe os effeitos. Ouvia a cobra assoviar dormindo enrolado na perna d'elle e cada vez mais nojo sentia d'ella e mais vontade que chegasse o dia.

A immobilidade e a estação forçada por tão longo tempo cançaram tanto a musculatura do Brilhante que muito ja custava-lhe supportar as dores nervozas que se irradiavam dos membros inferiores. Uma serie de alfinetadas, de picadas fulgurantes ospinhavam os tendões, as carnes, e uma dor fina, cançada, enterrava-se de coração a dentro e Jesuino suppunha ir morrer.

A noite chegava ao fim. Um terral fraco soprava e ja se via no nascente uns tons lange a crepusculo. As onças e as rapozas haviam se calado e só a mãi da lua dava a sua gargalhada hysterica, mas com grandes intervalos.

O dia ja vinha mais perto. Uma luz mais viva se derramava no espaço e penetrava na floresta.

O Brilhante desalentado em tão afflictiva vigilia, com o corpo moido de fadiga recebeu com grande satisfação os primeiros alvores d'aurora. A claridade resuscitva-lhe o animo, a esperança, e o conforto, que sentia, enchia lhe alma de um bem estar visivel claramente nas feições.

A luz vinha livral-o de uma agonia de doze horas, de um transe mortal.

A' proporção que o dia alteava os rumores da lida na lucta pela vida augmentavam. Os urros das feras e o cânto das corujas haviam sido substituidos pelo gorgeio das sabiás, pelo grito nervoso das arapongas e pelos assovios estridentes dos macacos.

A treva tinha desapparecido com todos os seus horrores.

Jesuino se julgava livre esquecido que tinha na perna direita preso grilhão da morte. Tinha grande necessidade de mover-se, mas a idea da cobra o immobilisava.

O dia cresceu e a serpente enrolada continuava a dormir.

O Brilhante quasi não podia mais supportar as dores lascinantes que lhe irradiavam pelos musculos das pernas. custosamente se conservava acordado. Com o augmento da temperatura crescia-lhe tambem o desejo de dormir. Tinha somno, mas um somno defficil de afugentar, tal era a sua teimosia e intensidade. A mercé da cobra esteve Jesuino até quasi as nove horas da manhã, hora em que a serpente despertou e se desenrolando subiu de coxa acima ate a virilha do Brilhante. Não encontrando passagem desceu de perna abaixo sahindo com todo vagar pela bôcca da bolça.

Jesuino n'um arripio de nojo pela cocega das escamas da cobra, viu-a seguir e entrar n'uma loca. Tinha um metro de cumprimento. Livre do reptil pensou em sahir d'aquelle sitio e quiz mover as pernas. Embalde, pareciam de ferro, inteiriças e presas ao solo. Fez um grande esforço quando os braços deixaram o apoio do bacamarte, o Brilhante cambaleou e se estendeu resupino no chão. A sua musculatura estremeceu em uma serie de espasmos, depois uma trepidação nervoza ainda agitou-lhe por algum tempo os membros. A circulação foi se accelerando e a onda sanguinea que nas pernas quasi tinha parado foi subindo e restabelecendo a sensibilidade e o movimento.

Jesuino uma vez deitado adormeceu sem querer. Em pouco tempo dormia profundamente como se estivesse em syncope.

Rodolpho Theophilo.

Extasis

Essa cabeça loira e perfumada,
Cheia de luz, de sonhos e chimèras,
Pelo sol da esperança aureolada,

Entretecida, assim de primaveras,
—Lembra a estatua do Amor, alca adorada,
Scismando no jardim, preza nas heras!

Essa cabeça que o luar de agóra
Voluptoso, parece que beijara...
E dir-se-ia um raio que apontara
Da luz divina de uma extranha aurora,

Mais bella do q o Céo quando a luz flora
Pelos espaços pranto d'oiro chora,
—Como que a sinto repoisar n'est'hora
Sobre o meu coração!.. Perdão!...
Sonhava

Que estavas no jardim preza nas heras,
Como a estatua do Amôr, alca adorada...
Entretecida, assim de primaveras,

Inda mais que uma santa, mais amada
Resplendendo de sonhos e chimeras
Essa cabeça loira e perfumada.

X. de Castro.

CARTA

Abaixo publicamos uma deliciosa carta que o nosso collega Moacyr endereçou ao Almeida Braga, ou seja o incomparavel padeiro Paolo Giordano das rosans *fornadas*, quando aquelle se achava no «Fonseca,» vivenda proxima a Quixadá.

Meu estimavel Almeida,

Tu vais ficar melancolico, pois como o bardo da Eneida, eu *descambei no bucolico*! Tu, urbano encarniçado, tu, filho do boulevard, has de certo lamentar este caso inopinado.

Perdôa si desprezei os teus prudentes conselhos:—filho do campo, voltei hoje ao campo, e amores velhos...

A natureza selvagem apoderou-se de mim qual de um amante que, emfim, volta de longa viagem. E agora eis-me apaixonado dos seus encantos singelos —todo amor, todo cuidado, todo caricia e desvellos

Após matinal bocejo vou fital-a sem demora, e ella, a sorrir, se colora das ruborencias do pejo (E' que a pobre natureza, os olhos a descerrar, vê a miseria e a torpeza dos homens... e eil-a a corar.)

Lança então roseos clarões dos grandes olhos suaves e canta lindas canções pelos biquinhos das aves.

Envolve-se ao meio dia no manto fulvo dos tropicos e beija a fronte sombria aos arvoredos cyclopicos; faz trejeitos zombeteiros ao vento e *poses* bisarras, e os ramos rufam pandeiros e tocam flauta as cigarras. E nessa dança se evola da sua opulenta coma, qual de fragante caçoula, um forte e calido aroma;

E assim—o nariz e o ouvido igualmente regalados—a gente dorme, querido, e tem sonhos irisados...

A' tarde, emfim, exhaurida de tanta caricia ardente, ella assiste á despedida do sol que morre no poente,—do sol que fallece exangue de ruptura de aneurisma, talvez, pois quando se abysma, tinge-se o espaço de sangue.

Tudo então, tudo entristece: o sino dobra a finados; o passarinho emmudece; e urram tristonhos os gados.

Em meio a essa dôr suprema, esse Cellini do arrebol, depõe um rico diadema sobre o féretro do sol.

E cada pedra que abrolha do chão, e d'ouro se tinge, é como placida esphinge que mysteriosa nos olha...

Mais tarde como um duende que vãos terrores espalha, a lua arrasta a mortalha que pelos campos esplende.

. . . .

Deixando o estylo symbolico, te digo em portuguez chão: (não vás ficar melancholico!) quero morar no sertão.

Hei de ter uma *fazenda* de vasta casa alpendrada, fresca, de onde se desvenda a varzea de bois coalhada; d'onde se vejam passar—fogosas, nedias e lestas as novilhotas e as bestas de auda crespa no ar!

Hei de travar com os vaqueiros amena conversação, falando em bois mocambeiros, traçando *ferros* no chão.

E sobre um quartão de *estouro*, ao lado do Zé Mandinga, percorrerei a catinga todo vestido de couro.

Hei de ter uma patente da Guarda Nacional e um logar de proeminente na *Caisa* Municipal. E com ares de importancia e de consciencia tranquilla, irei á missa na villa—cheio de fé e flamancia.

Os meus fiéis eleitores dirão de chapéo na mão. «Cuma vai, seu capitão?» —Bem: como vão os senhores?

Estás talvez, caro amigo, a lamentar meu destino, mas em verdade te digo —isto é que é vida, menino!

Peço-te reserva extrema sobre esta minha intenção. Sem mais, com toda a effusão te abraço.

Moacyr Jurema

O NETINHO

(A meus Pais)

Para os dous são triste neste mundo
Do seu netinho o doce olhar profundo.
Adoram-no, dum modo incomparavel,
Ao mesmo tempo quasi reverente,
Pois revêem n'elle todo o seu Passado
E ao mesmo tempo todo seu Presente.

25. Lopes Filho

BILHETES LYRICOS

No teu peito, que a dôr cresta,
Como a gelo cresta a flôr,
E' que eu desejo morar,
Tranquillamente a sonhar,
Como o insecto n'uma flôr.

Ave erradia,—minha alma
Viu que era feito de arminho
Teu peito e quiz nelle estar
Tranquillamente a sonhar,
Como uma ave em fôfo ninho.

Minh'alma, de amor perdida,
Fica numa ancia fremente,
Horas sem conta a pensar,
Que bem não será ficar
De ti junto eternamente.

Por isso, em teu coração,
Onde fez seu ninho a Dôr,
Desejo habitar, formosa,
Para haurir-te o aroma, rosa,
Ave, p'ra ter teu calor.

Minas—Pará—1895.

Bento Ernesto Junior.

Archivo

Recebemos:

—O 1.º de uma serie de volumesinhos de contos humoristicos de Silva Tavares.

Tem chiste o autor e revela qualidades de observador na precisão com que apanha os pormenores de um facto e a silhueta de um typo;

—*Jubileu de Congonhas do Campo*, por J. Campos Porto.

E' uma minuciosa e interessante descripção da popular festa religiosa que se realisa naquelle povoado, ao qual concorre enorme multidão vinda de todos os pontos de Minas-Geraes;

—*Linhas cruas*, versos bohemios de Silva Ferraz.

Não podemos furtar-nos ao desejo de transcrever o saltitante soneto de abertura intitulado.—

Afinação

A Musa dos meus cantares
E' fresca, alegre, rosada,
Não precisa tomar ares
Nem banhos d'agua salgada;

A's *soirées* familiares
Não vai radiante e pintada,
Nem sahe a rua com ares
De viuva... falsificada...

Faz quadrinhas de improviso,
Troçando a comedia humana
A lapis, sobre o joelho.

E é seu ideal—um sorriso,
Um bom charuto de Havana
E um calix de porto velho.

Pertencem as *Linhas Cruas* ao genero da *Musa Alegre* de Braz Patife e si não tem a correcção metrica d'estes, tem incontestavelmente mais graça e mais espontaneidade.

M[illegible] de contos, por *Thesleu*

Prosa, leve, picante e corrediа, com alguns effeitos humoristicos.

Devemos a offerta destes quatro volumesinhos aos respectivos editores, **os honrados livreiros Annibal & C.ª, de Juiz de Fora**, aos quaes agradecemos tal fineza.

—Juiso critico da imprensa portugueza sobre a nova obra do Sr. Oscar Leal—*Viagem a um paiz de selvagens.*

O Sr. Lopes Carqueja, de Lisboa, obedecendo a sentimentos que presumimos sejam honrosos, reuniu em um pequeno folheto todas as noticias dada pela imprensa sobre a obra de que acima se trata, desde a que contém uma simples referencia até as que elogiam francamente ao autor.

Que nos perdoe o Sr. Carqueja, mas o folheto em questão é um attestado da falta de criterio que geralmente preside á manifestação de pensamento da imprensa.

Este Sr. Oscar Leal, que, talvez por escrupulos de cortezia, tem sido tão bem acolhido em Portugal, a ponto de se lhe permittir que faça conferencias no salão da Sociedade de Geographia, não passa de um mystificador, um espertalhão, sem a mais leve sombra de merecimento intellectual.

Affirmamos isto pelo conhecimento que temos de dous livros seus—os *Contos do meu tempo* e *Viagens ás terras Goyanas*,—onde o autor se revela crassamente ignorante, ridiculo e falto de senso commum.

Que sirvam estas linhas de protesto contra a campanha encomiastica que se tem levantado em Portugal ao redor do nome do Sr. Oscar Leal, quando aqui este individuo apenas serve de troça ao rapazio que faz litteratura.

Os elogios dispensados ao Sr. Oscar Leal, além de outros inconvenientes, têm o de tornar suspeitos os applausos com que Portugal recebeu a Valentim Magalhães, ante o qual aquelle faz a figura de um mosquito em frente de uma aguia.

Largue a penna o Sr. Oscar e empunhe o boticão, como habil dentista que dizem ser.

Agradecendo a offerta do Sr. Carqueja, pedimos-lhe desculpa da franqueza destes nossos conceitos filhos da mais stricta verdade.

—*Horario dos trens da Estrada de Ferro de Baturité*, em forma de carteira, nitidamente impresso em bom cartão.

Prometheus, por Francisco Barreto de Menezes, official do exercito. Imp. por Cunha Ferro & C.ª—Fortaleza, 1895.

O presente livro não pode ser apreciado em nossa folha porque tanto o prologo do sr. G. Cardoso como a nota final do autor são desenfreadas descomposturas á nossa associação collectivamente e a alguns dos nossos melhores companheiros.

Nestas condições falta-nos imparcialidade para analysarmos a obra em questão.

Que outros digam, pois, o que vale o livro do Sr. Barreto.

Agradecidos.

M. J.

ANNIVERSARIO

Meu caro Moreve:

Desculpa não trazer flôres
P'ra saudar teus dissabores
Fazendo mais um janeiro;
E' praxe, mas de máo gosto.
Penso assim, de tal desgosto
Fazer-se um dia festeiro.

Cá por casa, n'este dia,
Bebo mais bôa agua fria,
De cinza cubro a cabeça,
Mas não digo que isso faças,
Tambem não tomes por graças
Estranho embora pareça.

Fazer annos!... só de cario.
Um pedaço de sudario
Saudar-só muita loucura!
Embora me chamem tolo,
Só cabeça sem miolo
Festeja essa desventura.

Mas emfim p'ra andar na moda
P'ra não fazer uma poda
Completa de taes usanças,
Pelo Sabino te mando
Um abraço e mais um bando
De affectuosas lembranças.

Alto do Bonança, 13 de Junho de 1895

Marcos Serrano.

RECADOS

O cidadão Virgilio de **Barros** Arranca-Touco, solicitador do fôro de Maceió e cultor das lettras, pergunta-nos em um cartão que nos dirigiu si poderemos acceitar a sua collaboração scientifica e litteraria.

Sentimos bastante responder a S. S. que *O Pão* não admitte collaboração extranha á associação de que é orgam, e mesmo quando admittisse hesitaria um pouco em abrir a porta ao Sr. Arranca-Touco.

Ha de convir S. S. que seu nome não é nada tranquilisador...

O milho do nosso roçado já está dando muito bôas pamonhas e muito bom cuscús, tornando-se por isto desnecessarios os seus serviços...

Não, senhor, não venha:—*arranca-touco* aqui significa estabanado, levado da brêca, e nós não queremos negocio com essa casta de gente.

Vá destocando mesmo a sua terra que anda bem precisa de uma *limpa*.

⁂

Esta secção está hoje condemnada a occupar-se de gente de nome extravagante.

Depois do Sr. Arranca-Touco, vem-nos o Sr. José d'Avo, de Bom Despacho (Minas-Geraes), pedir a publicação de um soneto epigraphado «Nio ovaes».

O seu pedido, Sr. José d'Avo, não pode ter bom despacho nem mesmo que S. S. nos peça por amor da aldeia que lhe deu o nome e indirectamente a luz.

Em materia de poesia S. S. está com 10 annos de atrazo, pelo menos.

A sua musa usa oculos de certo e é consumidora sofrivelmente rapé.

A julgar pela ancianidade do seu estylo e das suas concepções, S. S. não deve ser muito creança.

Parece mesmo que S. S., em vez de ser José d'Avó, é avô do José.

S. S. está muito atrasado, repetimos; leia os poetas da actualidade, aposente essa musa macrobia e mude o nome para José da Netta.

Depois volte.

M.

Impresa Litteraria

«A SEMANA»

(Capital Federal)

Temos á vista os ns. 84, 85 e 83 da bella revista de Valentim Magalhães e Max Fleiuss.

Sempre interessante, prosegue o estudo de Araripe Junior sobre D. Martin Garcia Merou, o illustre litterato argentino, hoje ministro junto ao nosso governo.

São dignos de nota as chronicas destes tres numeros, assim como os *Poemetos em prosa* de E. Doria, o soneto *Cegonha* de Carlos Nelson e o conto *Somno eterno* de Ed. Saboya.

«RIO-REVISTA»

(Capital Federal)

Recebemos o 2.° numero deste revolucionario orgão dos *novissimos*.

Destacamos: *Velho Testamento*, bello conto de Ad. Caminha, *Olhos funereos* (II), sonoro e terso soneto de Emilio de Menezes, *Ave extranha*, scintillante phantasia de Cesar, o Mago.

«O PHAROL»

(Capital Federal)

Interessante estes numeros (11 e 12) da folha de *Lilazia*. Excellentes o artigo sobre a *Illusão americana*, e o conto *Velhinhos* de Em. Kemp.

Reclama o collega contra os annuncios «que afeiam as nossas ultimas paginas.»

Talvez tenha rasão, mas por ora... não podemos attender ao seu amavel reparo.

«REVISTA ILLUSTRADA»

(Capital Federal)

O lapis do Neto tracta com o chiste do costume das questões do dia e applaude com enthusiasmo a mensagem do Sr. Prudente de Moraes, violentamente batida pelo

«D. QUIXOTE»

(Capital Federal)

Um verdadeiro triumpho para o lapis do Agostini os numeros que temos á vista.

A pacificação do R. G. do Sul, da qual o collega é estrenuo defensor dá assumpto a excellentes illustrações, espirituosas outras impressionantes.

CARTEIRA

Antonio Salles e Sabino Baptista

Do Ingá, onde se achavam gosando as delicias sertanejas em companhia do Waldemiro, que é o mandachuva d'aquellas regiões, regressaram afinal estes nossos queridos collegas.

Chegaram com saude e trouxeram nos bolsos alguns trabalhos que no proximo numero offereceremos á apreciação dos nossos leitores.

Carlos Dias e a Padaria

A proposito da catilinaria com que nos mimoseou o Sr. Alves de Faria e á qual Antonio Salles responde em outra parte desta folha, escreveu Carlos Dias uma das suas magnificas *Chronicas Litterarias* d'*A Noticia*, na qual continua a zurzir sem piedade aos taes *Romeiros da Estrada*...da Praia Vermelha.

Pinta Carlos Dias a debandada que vai por aquelle viveiro de genios do qual já se desligaram Cruz e Sousa, B. Lopes e outros.

Estes dissidentes fundarão, no que consta, uma revista intitulada—*Thebaida* em opposição a *Rio-Revista*.

Era fatal a desunião entre sujeitos cada qual mais imbuido de pretenções, mais empapado de sabenças *quintessenciadas*.

Desunidos, elles não podem ver com bons olhos a união dos outros. e d'ahi a gana com que se atiram a nós.

Apreciando isto, diz Carlos Dias na sua referida *Chronica*.

«E só agora comprehendemos porque Alves de Farias se indigna com os trabalhadores da Padaria Espiritual do Ceará, o que lhe dá azo para chamar ao auctor do *Guarany* de «Sr. Alencar»; aquelle *senhor* sibilando em frente ao nome illustre e venerando como um assobio de garoto.

Agora só é que comprehendemos bem a farça: a *Padaria* trabalha e os ociosos mordem-se com isso de inveja; na *Padaria* todos se dão as mãos numa amisade fraterna e os dissidentes mordem com isso os beiços de rancor.

E da mesma Padaria trazem elles para a *Rio—Revista*, de olhos bandados, a Adolpho Caminha, o romancista do *Bom Crioulo*, que assim se acha entre elles como Pilatos no Credo.

Oh! lealdade, o que fizeram de ti!»

Muito agradecemos a Carlos Dias o ter tomado tão gentilmente a nossa defeza, manifestando-se a nosso respeito com a mais stricta justiça.

E permitta que aqui transcrevamos o trecho final da parte de sua bella e valente *Chronica* em que trata dos *Romeiros*:

«Ridicula tropa fandanga de saltimbancos, em que uns fazem sortes malabares com os periodos, outros imitam condessas em voz de falsete, fidalgas de elastico e poucas vergonhas de couro vagabundo, outros vem mostrar aos papalvos um urso amestrado que tange adufe, e um outro ainda bisonho em taes artes cáe em fiar-se na redundancia das palavras, no indecifravel da sua adjectivação, para chamar a qualquer cousa de incomprehensivel, o *Necrotado do Idylio*, sem pensar que desse geito chegariamos a dizer a claridade, do escuro. Idylio e nevrose, arrulho de pomba e uivar de alienado. Misture e mande! eis a formula desses boticarios da arte.

«Tropa!...»

Que não lhe dôam as mãos, oh Carlos, e conte comnosco!

Precisamos quanto antes derribar essa casa de maribondos que se alojaram no beiral do Templo da Arte.

Fogo nelles!

«Chromos»

Entraram para o prélo os formosos versos do nosso malogrado collega X. de Castro, esses encantadores *Chromos* que tanto realce davam á nossa revista.

As listas para assignaturas expostas nas livrarias e outros logares foram cheias promptamente e com a maior espontaneidade, podendo considerar-se esgotada a edição que se pretendia tirar.

«Os Brilhantes»

Entraram tambem para o prelo *Os Brilhantes*, romance do nosso presado consocio Rodolpho Theophilo.

Os Brilhantes são a impressionante e sanguinolenta historia do celebre assassino Jesuino Brilhante, sua familia e seus sequazes.

Tendo estudado profundamente o assumpto, poude Rodolpho Theophilo traçar com mão firme a psychologia do Jesuino e tirar magnificos effeitos dos lances tragicos da sua vida.

Offerecemos hoje aos nossos leitores uma amostra do novo livro do autor d'*A Fome*.

Aos nossos assignantes

Devemos uma breve satisfação aos nossos benevolos assignantes sobre a destribuição dos dois ultimos n.os d'*O Pão*.

Tendo seguido em começo de Maio, para o Ingá o nosso querido Gerente Sabino Baptista, onde já se achava o nosso presado director Antonio Salles, ficou a publicação desta folha á cargo de tres dos nossos collegas pouco praticos nos trabalhos que competem a gerencia e directoria de um jornal, motivo porque houveram muitas irregularidades na destribuição dos dois ultimos n.os d'*O Pão*. Agora que os nossos queridos collegas já regressaram do sertão e estão novamente a frente desta redacção, rogamos aos assignantes que não tiverem recebido os alludidos n.os acima mensionados o obsequio de reclamal-os do nosso incansavel gerente, á Rua do Major Facundo n.° 1, afim de que não fiquem com as collecções truncadas.

Qualquer reclamação a este respeito será attendida promptamente.

PREPARADOS PHARMACEUTICOS

DE

A. GONZAGA

ELIXIR ESTOMACAL E PILULAS DIGESTIVAS. Unicos medicamentos do Ceará approvados pela Inspectoria de Hygiene do Brazil e premiados na grande Exposição Universal Columbiana de Chicago. São verdadeiros medicamentos contra as molestias do estomago:—Falta de appetite, fraqueza e dores de estomago, digestões difficeis, azias, flatulencia, peso de cabeça, tonturas, enxaquecas, somnolencia depois da refeição, etc.

PEITORAL DE JUCA, COMPOSTO. O melhor medicamento contra as molestias do peito:—Bronchite chronica, tosses rebeldes, escarros de sangue, tisica, etc

XAROPE ANTI-NERVOSO. E' de uma efficacia incontestavel em todas as exarcebações do systema nervoso :—Epilepsia, ataques hystericos, palpitações no coração, neurasthenia, vomitos, das mulheres gravidas, e coqueluche, etc.

QUINA GONZAGA OU VINHO DAS TRES QUINAS. Poderoso tonico e febrifugo. Contra fraqueza geral, anemia, chlorose, etc. Mui util como preservativo das febres intermittentes ou sezões e nas convalescenças.

XAROPE DE IODORETO DE CALCIO E EXTRACTO DE NOGUEIRA. Empregado com muita vantagem no começo da tuberculose, lymphatismo, chlorose, glandulas enfartadas e nas molestias de origem escrofulosa.

XAROPE DE ESTIGMAS DE MILHO E BENZOATOS DE LITHIO. Medicamento muito efficaz contra affecções catarrhaes da bexiga, na lithiasis renal (calculo ou pedras,) rheumatismo gottoso, e engurgitamentos.

TINTURA DE SALSAPARRILHA COMPOSTA. Purificador do sangue empregado com grandes resultados.

GOTTAS ANTI-ODONTALGICAS. Contra dores de dentes, allivio certo, cura quasi sempre

INJECÇÃO ANTI BLENORRHAGICA. Cura em pouco tempo blenorrhagias recentes ou chronicas.

PÓS DENTIFRICOS. Alvejão e conservão os dentes e perfumão a bocca.

TINTA PARA MARCAR ROUPA. Preta e indelevel.

Todos estes medicamentos achão-se a venda na pharmacia Gonzaga.

80 -Rua do Major Facundo—80, Ceará.

GRANDE LOJA DE JOIA

A MAIS ANTIGA DESTE ESTADO

Joias de ouro, **brilhantes** e pedras preciosas de todas as cores. **Relogios** de ouro, de prata e nickel, para algibeira, inglezes, americanos, suissos etc, etc. **Relogios** para paredes e banca, despertadores de todos os preços. **Lunetaria** superior de vidraça e graduada (branca e de cores). Objectos para presentes: o mais chic e variado sortimento que se possa desejar.

Vendas garantidas, preços sem competencia.

Jacques Weil & Cª

RUA DO MAJOR FACUNDO 70

Phenix Caixeiral

Este novo importante estabelecimento, reaberto sob a gerencia de Heraclito Domingues, é hoje a primeira casa de modas e phantasias desta capital.

Dispõe de um magnifico e variado sortimento de tudo quanto a industria européa, tem inventado em elegancia luxo e arte, e adoptou o seguinte programma : Vender barato e a dinheiro.

54, RUA MAJOR FACUNDO 54.

STAMENET UROPEU

Artisticamente montado com o mais esmerado gosto e asseio, garante boa mesa e preços modicos.

Promette-se a maxima promptidão no serviço e a mais principesca delicadeza.

PROPRIETARIO.

Manoel Pereira dos Santos.

108 B Rua Formoza - 108 B

Preparados Medicinaes

DO PHARMACEUTICO

JOSÉ ELOY DA COSTA

Approvados pela Inspectoria de Hygiene

Pilulas contra vermes

Para expellir completamente os vermes intestinaes ou lombrigas das crianças e adultos em poucos dias. As unicas de effeito seguro e rapido. Já são purgativas, dispensando assim qualquer purgante. AS PILULAS CONTRA VERMES pelo seu gosto, pela sua formula impõe-se especialmente na medicação das crianças.

Pilulas estomacaes purgativas.— São de grande efficacia nas Dores de estomago, Dyspepsias, Gastrites, Falta de Apetite, Gastralgias, Nauzeas, Dores de cabeça, Prisões de ventre, Indigestões, etc.

Essencia de salsa parrilha.— E' o purificador mais ENERGICO DO CEARA'. Cura radicalmente as molestias provenientes da fraqueza, impureza e falta de nutrição do sangue—Syphilis, Rheumatismo syphitico, Boubas, Ulceras venereas, Darthros, Impigem, Sarnas, Gommas, Cancros, etc., etc.

Mistura ante-blenorrhagica ou Injecção Mendes.—Cura rapidamente blenorrhagias recentes ou chronicas.—CURA CERTA EM 3 DIAS.

Gottas odontalgicas. — Preparação composta de diversas substancias balsamicas, produzindo instantaneamente a cura das mais fortes dores de dentes.

Pós para dentes.—Alem de agradaveis, promettem pelo seu uzo continuado um completo asseio da bocca e dos dentes, conservando a estes a sua coloração natural, trasendo a bocca em constante limpeza, prevenindo as caries dentarias e as molestias.

Xarope depurativo de cascas amargas de laranjas e iodureto de potassio.—Applicado com vantagem contra o Rheumatismo e as diversas affecções syphiliticas.

Elixir anti-syphilitico de cajú.—Especifico contra as molestias de pelle.

Xarope de bromureto de potassio e cascas amargas de laranjas.—Applicado com successo nas molestias do coração, das vias digestivas, da respiração, na epilepsia e nas insomnias das crianças durante o periodo da dentição.

Tinta preta e indelevel para marcar roupa.—Acompanha um vidro mordente para preparar o panno que se quiser marcar.

Vinho de cajú—Ja conhecido e acreditado. Não é nocivo a saude e substitue aos vinhos vindos do estrangeiro

Todos estes medicamentos se achão a venda na **Pharmacia Theodorico** de *JOSE LOY DA COSTA* RUA MAJOR FACUNDO 66—FORTALEZA.

DROGARIA CENTRAL de *Guilherme Rocha & C.ª* e na cidade do Crato na casa commercial de POSSIDONIO PORTO & C.ª

CONFUCIO

Casa fundada em 1881

Endereço telegraphico—CONFUCIO—Telephone n. 11

31—Caixa do Correio—31

Confucio Pamplona & C.ª

Proprietarios

Especialidade de artigos para o uzo domestico desde a **sala de visitas á cosinha,** ou qualquer aposento, se encontra neste estabelecimento: objectos de applicações indispensaveis e uteis como: Pianos, Fogões, Mobilias, Espelhos, Tapetes, Crystaes, Louças e Vidros, Fazendas e artigos de Modas, Trens para cosinha, objectos para escriptorio, alcovas, gabinetes, banheiros, jardins, salões, hoteis, cafés, restaurants, Igrejas, navios, chacaras, chalets, clubs, etc., etc.

Candieiros, brinquedos para crianças, objectos para presentes e **bebidas finas.**

Mobilia-se uma casa em duas horas

Importação directa da — **França, Inglaterra, Allemanha, Belgica, Portugal e Estados-Unidos da America do Norte**

RECEBE CONSIGNAÇÕES

Tem correspondencias para todos os Estados da Republica

Deposito de objetos para viagens, e agencia de charutos, chá fino e artigos de novidades

59 e 61— Rua do Major Facundo—59 e 61

CONFUCIO

VENDA EM GROSSO E A RETALHO

—FORTALEZA—

Oliveira Rola

Agente de

LEILÕES

Encarrega-se de vender mercadorias, moveis, terrenos, casas, etc., tudo em condições vantajosas

20 Praça do Ferreira, 20

Telephone 28

Typ. STUDART Rua Formosa n. 56.